

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
8 e 24 de Junho de 2024  
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? - Revolução

## PINK NARCISSUS / 1971

*Um filme de realizador anónimo  
(Jim Bidgood)*

*Argumento, fotografia (8 mm, ampliado para 35 mm) e produção: Anonymous (“pseudónimo” de Jim Bidgood) / Seleção musical: Martin Jay Sadoff e Gary Goch (trechos de Mussorgsky: Uma Noite no Monte Calvo e Quadros de uma Exposição) / Montagem: Martin Jay Sadoff / Interpretação: Bobby Kendall.*

*Produção: La Folie des Hommes / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, sem diálogos / Duração: 67 minutos / Estreia mundial: Nova Iorque, 24 de Maio de 1971 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca: 26 de Março de 2002, no âmbito do ciclo “Cinema e Pintura”.*

\*\*\*\*\*

Estamos diante de um filme extremamente célebre e que também é célebre por ter sido distribuído sem que se soubesse o nome do seu autor, pois o genérico identifica o argumentista, o realizador e o produtor como anónimos, sem especificar se são a mesma pessoa ou três pessoas diferentes. É como se o “Anonymous” que assina o filme sem dizer quem é fosse um pseudónimo, um nome próprio e não um nome comum, o que de certa forma é. Correram e ainda correm várias versões sobre a identidade deste artista anónimo. Segundo uma delas seria uma celebridade que se escondeu por detrás do anonimato. Segundo outra informação, que circulou em 1971, quando das primeiras apresentações públicas do filme, este teria sido realizado ao longo de vários anos por um jovem cineasta a quem faltou coragem, no último momento, para assiná-lo, embora a montagem e a seleção musical estejam assinadas no genérico, que também identifica o ator principal. Nunca se especulou se o montador deste filme tão bem montado seria o seu realizador. A partir de 1984, quando uma nova geração redescobriu o filme, estabeleceu-se que o realizador de **Pink Narcissus** era Jim Bidgood. Segundo uma variante desta versão, os produtores, fartos de esperar pela conclusão do trabalho mais vasto que Bidgood teria em mente, decidiram montar o material existente, que resultou no filme que conhecemos. Bidgood ter-se-ia recusado a assinar esta versão e por isto o filme teria sido distribuído sem que o nome do realizador fosse indicado, o que é um caso raro, senão único, na história do cinema, para um filme que teve circulação pública (ficou em cartaz durante anos a fio em Paris, tendo a partir de certo ponto uma única sessão semanal).

Neste caso, é mais belo estarmos diante de um filme que de certa forma é anónimo do que de uma obra cuja autoria seja indisputada. A ausência de um nome que assine este cinepoema, filmado em 8 mm e ampliado para 35 mm, o que explica a beleza do grão da imagem, é um paradoxo muito forte, na medida em que **Pink Narcissus** é a obra de alguém que tem um imaginário próprio, um objeto irrepitível e inimitável, embora tenha laços com muitos outros filmes. **Pink Narcissus** filia-se ao cinema experimental americano, mais precisamente àquela corrente do período “clássico” deste cinema que P. Adam Sitney definiu como os *trance films*, herdeiros da vanguarda parisiense dos anos 20, que não recusam a perspectiva clássica, nem alguma forma de narratividade e nos quais há um personagem principal que erra e deambula num contexto onírico. Há também no filme ecos de Cocteau, cineasta dos espelhos e de Kenneth Anger, o Anger onírico de **Rabbit Moon**, **Puce Moment** e **Eaux d’Artifice**, não o Anger fetichista de **Scorpio Rising** e **Kustom Kar Kommandos**. Estes ecos não surgem apenas em pormenores iconográficos, mas também no facto do filme, tal como os de Kenneth Anger, não ter diálogos. Mas em **Pink Narcissus** há também ecos de outros tipos de cinema, que vão de filmes de género hollywoodianos (*peplums*, fantasias orientais e hispânicas), que outrora eram distribuídos em cinemas de

bairro duplamente especializados, aos filmes de *soft core* dos anos 50 (naturistas ou de musculação), matizados por alguns elementos pornográficos, devendo-se levar em conta que em 1971 o cinema pornográfico, também ele realizado em Super-8, refletia a realidade ao invés de moldá-la, como passou a ser o caso mais tarde. E há no filme toda uma iconografia que, de modo visível ou subjacente, é referencial e despoleta conotações diferentes em cada espectador. Estamos longe do prosaísmo de muitos filmes mais tardios sobre o mundo masculino do desejo, inexoravelmente moldados por um imaginário vil, com fantasias carcerárias e de castração. **Pink Narcissus**, filme noturno, também é um filme luminoso e é percorrido pelo humor, o que não é a característica mais visível do cinema experimental, “gênero” a que pode ser associado.

**Pink Narcissus** tem uma linha narrativa identificável, cujo ponto de partida é o mito de Narciso. Trata-se de um filme da dualidade, no qual aquilo que é especular tem vida autónoma, um filme que passa constantemente de um espaço a outro, de uma mitologia a outra, do sórdido ao idealizado, do aberto ao fechado, da terra aos céus, da presença à ausência (a ausência como presença), com o protagonista a metamorfosear-se de modo incessante, até que tudo se parte, como no mito de Narciso. A mais forte dualidade de **Pink Narcissus** vem do facto deste *filme do êxtase (trance film)*, da deambulação sonâmbula, se passar não num espaço aberto onde se pode deambular, mas num espaço confinado, um quarto multiplicado pelos espelhos e pelas fantasias do protagonista, que se evade numa série de pequenas aventuras imaginárias, que se enrolam e desenrolam, sempre em situações de desejo (e “*o homem cede ao desejo / como a nuvem cede ao vento*”), repletas de prazer e que não se furtam à especificidade do corpo e ao seu culto, embora nunca de modo cru. As imagens iniciais deste excursão poético de uma hora e dez minutos num jardim noturno mostram o nascimento de algo que é efémero: uma crisálida transforma-se em borboleta, assim como este Narciso transformar-se-á em muitas outras formas, pelas quais estará sempre momentaneamente apaixonado. Contemplando-se a si mesmo diante de um jogo de seis espelhos, o jovem Narciso passa por diversas situações, em que alternam a lascívia e a inocência, fundidas e confundidas num outro jogo especular. Depois do contraste entre a borboleta esvoaçante e um local de encontros especializados, onde o contacto carnal não é escamoeado, a tela se enche com a imagem de um olho, pois tudo aquilo que vamos ver é visto (e por isto vivido) pelo protagonista: a tourada com a mota, o jovem camponês mexicano (lembrança das fantasias eróticas de um grande puritano, no seu inacabado monumento cinematográfico em que dá vivas ao México?), a visita do *groom* de hotel, a orgia romana, a festa árabe, uma rua nova-iorquina (soldados, operários, travestis, um vendedor de instrumentos “eróticos”, um padre, quase todos nus da cintura para baixo), a volta ao jardim e a luta com a chuva, o deleite de passar uma folha de erva pelo próprio corpo, que é filmado como se fosse uma paisagem, magnificado por grandes planos. Nesta espécie de *nursery* adolescente que é o quarto espelhado do narciso, que encarna variadas figuras de si mesmo, todas as fantasias são eróticas, mas todas são vividas em vaso fechado: Narciso deseja e é objeto de desejo, do seu próprio desejo. Num sopro, Narciso parte o espelho, que se transforma numa teia de aranha e o filme termina como começara. Este filme da dualidade, cujo realizador ousa ousar, que une e separa o fragmento e o todo (outra dualidade), esta longa fantasia erótica é literalmente, como todo grande filme mudo, uma música das imagens: tem temas recorrentes, pausas, *crescendos*, variações, tem muita forma, é (quase) pura forma. Num plano memorável (que só parecerá *kitsch* aos que têm a alma *kitsch*), em que o rapaz está deitado, o seu falo se transforma numa borboleta, na borboleta recorrente do filme. Esta liberdade poética resume o idealismo do filme e a livre imaginação do seu autor, felizmente anónimo por mais que se prove que o filme é de Jim Bidgood: podemos admirar **Pink Narcissus** sem nos preocuparmos com a identidade do seu autor, com a sua obra anterior e posterior. Graças ao anonimato do seu realizador anunciado no genérico (seja ele quem for e sejam quais forem as razões deste anonimato), que denota uma grande ausência de narcisismo autoral, **Pink Narcissus** é um filme autónomo, um filme em si, cujo autor é o próprio jovem narciso que vemos na tela.

Antonio Rodrigues